

O Livro de Urântia

<< [Documento 133](#) | [Partes](#) | [Índice](#) | [Documento 135](#) >>

Documento 134

Os Anos de Transição

134:0.1 (1483.1) DURANTE a viagem pelo Mediterrâneo, Jesus pôde estudar cuidadosamente as pessoas que conhecera e os países pelos quais passara e, por volta dessa época, chegou à sua decisão final quanto ao restante da sua vida na Terra. Ele havia considerado plenamente, e, por fim, havia aprovado o plano o qual previa o seu nascimento de pais judeus na Palestina; e, com isso, deliberadamente, voltou à Galiléia para aguardar o começo do trabalho da sua vida como um mestre público da verdade; e começava a fazer planos para uma carreira pública na terra do povo do seu pai José, e fazia isso por sua própria vontade.

134:0.2 (1483.2) Jesus havia descoberto, por meio da sua experiência pessoal e humana, que a Palestina era o melhor lugar em todo o mundo romano para desenvolver os últimos capítulos, e para as cenas finais, da sua vida terrena. Pela primeira vez ele estava plenamente satisfeito com o programa de manifestar abertamente a sua natureza verdadeira e de revelar a sua identidade divina entre os

judeus e os gentios da sua Palestina natal. E decidira definitivamente terminar a sua vida na Terra e completar a sua carreira de existência mortal na mesma terra na qual ele iniciara a sua experiência humana, como uma criança indefesa. A sua carreira em Urântia começara entre os judeus na Palestina; e escolheu terminar a sua vida na Palestina e entre os judeus.

1. O Trigésimo Ano (24 d.C.)

134:1.1 (1483.3) Depois de deixar Gonod e Ganid em Charax (em dezembro, do ano 23 d.C.), Jesus retornou, pelo caminho de Ur, à Babilônia, onde se juntou a uma caravana do deserto que estava a caminho de Damasco. De Damasco ele foi para Nazaré, parando por apenas umas poucas horas em Cafarnaum, onde fez uma pausa para visitar a família de Zebedeu. Lá ele encontrou-se com o seu irmão Tiago, que desde algum tempo já tinha vindo para trabalhar no seu lugar na oficina de barcos de Zebedeu. Depois de falar com Tiago e Judá (que também se encontrava em Cafarnaum, por acaso) e depois de transferir para o seu irmão Tiago a pequena casa que João Zebedeu havia conseguido comprar, Jesus foi para Nazaré.

134:1.2 (1483.4) Ao finalizar a sua viagem pelo Mediterrâneo, Jesus tinha recebido dinheiro suficiente para fazer frente às suas despesas, a fim de viver até quase a época do começo da sua ministração pública. Todavia, à parte Zebedeu, de Cafarnaum, e as pessoas que conheceu nessa extraordinária viagem, o mundo nunca soube que havia ele

efetuado essa viagem. A sua família sempre tinha acreditado que Jesus passara esse tempo em estudos na Alexandria. Jesus nunca veio a confirmar essas crenças, nem fez nenhuma negação aberta sobre esses mal-entendidos.

134:1.3 (1483.5) Durante a sua estada de umas poucas semanas em Nazaré, Jesus conversou com a sua família e com amigos, passou algum tempo na oficina de reparos com o seu irmão José, mas devotou a maior parte da sua atenção a Rute e a Maria. Rute então tinha quase quinze anos, e era essa a primeira oportunidade para Jesus ter longas conversas com ela, desde que ela se tinha transformado em uma jovem crescida.

134:1.4 (1484.1) Simão e Judá, ambos, durante algum tempo, tinham desejado casar, mas, não gostando da idéia de fazê-lo sem o consentimento de Jesus, haviam adiado o acontecimento, esperando pelo retorno do seu irmão mais velho. Embora todos considerassem Tiago como cabeça da família, para a maior parte das questões, quando se tratava de casar-se, eles queriam a bênção de Jesus. E assim, Simão e Judá, casaram-se em uma cerimônia dupla no princípio de março desse ano, de 24 d.C. Todos os outros filhos estavam agora casados; apenas Rute, a mais jovem, permaneceu em casa com Maria.

134:1.5 (1484.2) Jesus conversava com os membros individuais da sua família, muito normal e naturalmente, mas, quando eles estavam todos juntos, tão pouco ele possuía a dizer que eles próprios observavam sobre isso entre si. Maria ficava especialmente

desconcertada por esse comportamento inusitadamente peculiar do seu primeiro filho.

134:1.6 (1484.3) Na época em que Jesus estava preparando-se para deixar Nazaré, o condutor de uma grande caravana que estava passando pela cidade foi tomado por uma doença violenta e Jesus, sendo um conhecedor de línguas, se fez voluntário para ocupar o lugar dele. Já que essa viagem iria requisitar a sua ausência por um ano e, desde que todos os seus irmãos estavam casados e a sua mãe vivia em casa com Rute, Jesus convocou uma reunião familiar na qual propôs que a sua mãe e Rute fossem a Cafarnaum para viver na casa que ele tinha muito recentemente dado a Tiago. E, desse modo, uns poucos dias depois que Jesus partiu com a caravana, Maria e Rute mudaram-se para Cafarnaum, onde viveram, pelo resto da vida de Maria, na casa que Jesus tinha provido. José e a sua família mudaram-se para a velha casa de Nazaré.

134:1.7 (1484.4) Esse foi um dos mais inusitados anos da experiência interior do Filho do Homem; um grande progresso foi feito para efetivar uma harmonia de funcionamento entre a sua mente humana e o Ajustador residente. O Ajustador tinha estado ativamente empenhado em reorganizar o pensamento e em treinar a mente para os grandes acontecimentos que pertenciam a um futuro agora não muito distante. A personalidade de Jesus estava preparando-se para a sua grande mudança de atitude para com o mundo. Esses eram os tempos de transição, o estágio transitivo entre aquele ser que começara a vida como um Deus, surgindo como um homem, e que

agora estava preparando-se para completar a sua carreira terrena como um homem, surgindo como Deus.

2. A Viagem da Caravana ao Mar Cáspio

134:2.1 (1484.5) Era primeiro de abril, do ano 24 d.C., quando Jesus partiu de Nazaré na viagem da caravana à região do mar Cáspio. A caravana à qual Jesus aderiu como condutor estava indo de Jerusalém, passando por Damasco e pelo lago da Úrmia, atravessando a Assíria, a Média e a Pérsia, indo para o sudeste da região do mar Cáspio. Demorou um ano inteiro antes que ele retornasse dessa viagem.

134:2.2 (1484.6) Para Jesus, essa viagem com a caravana foi uma outra aventura de exploração e de ministério pessoal. Ele teve uma experiência interessante com a sua família da caravana — passageiros, guardas e condutores de camelos. As várias dezenas de homens, mulheres e crianças, que residiam ao longo do trajeto seguido pela caravana, viveram vidas mais ricas devido ao seu contato com Jesus que, para eles, era o extraordinário chefe de uma caravana comum. Nem todos que desfrutaram da sua ministração pessoal nessa ocasião se beneficiaram devidamente dela, mas a grande maioria daqueles que se encontraram e falaram com ele tornaram-se melhores, pelo resto das suas vidas naturais.

134:2.3 (1484.7) De todas as suas viagens pelo mundo, foi essa viagem pelo mar Cáspio que levou Jesus o mais perto do Oriente e que o

capacitou a ter um entendimento melhor dos povos do Extremo Oriente. Ele fez contatos cordiais e pessoais com todas as raças sobreviventes de Urântia, excetuando a vermelha. Ele apreciou igualmente prestar o seu ministério pessoal a cada uma dessas várias raças e povos miscigenados, e todas elas foram receptivas à verdade viva que Jesus lhes trouxe. Os europeus do Extremo Ocidente e os asiáticos do Extremo Oriente, do mesmo modo, deram atenção às suas palavras de esperança e de vida eterna e foram igualmente influenciados pela prática do serviço amoroso e pela ministração espiritual que Jesus tão benevolamente desenvolveu entre eles.

134:2.4 (1485.1) A viagem da caravana teve êxito em todos os sentidos. Esse foi um episódio bastante interessante na vida humana de Jesus, pois ele funcionou durante esse ano como um executivo, sendo responsável pelo material confiado ao seu encargo e pelo salvo-conduto dos viajantes que constituíam o grupo da caravana. E ele desincumbiu-se o mais fiel, eficiente e sabiamente possível dos seus múltiplos deveres.

134:2.5 (1485.2) No retorno da região do mar Cáspio, Jesus entregou a direção da caravana no lago da Úrmia, onde permaneceu por pouco mais de duas semanas. Ele retornou como um passageiro, com uma caravana posterior, até Damasco, onde os donos dos camelos suplicaram-lhe que permanecesse a serviço deles. Ele rejeitou essa oferta e viajou com a caravana para Cafarnaum, chegando no dia primeiro de abril do ano 25 d.C.. Jesus não mais considerava Nazaré como o seu lar. Cafarnaum passou a ser a casa de Jesus, Tiago, Maria

e Rute. Jesus, contudo, nunca mais viveu com a sua família; quando permanecia em Cafarnaum, ele fazia da casa de Zebedeu o seu lar.

3. Os Ensinos na Úrmia

134:3.1 (1485.3) A caminho do mar Cáspio, Jesus havia feito uma parada de vários dias para descansar e recuperar-se, na velha cidade persa da Úrmia, nas margens do lado oeste do lago da Úrmia. Na maior das ilhas de um arquipélago situado a pouca distância das margens, perto da Úrmia, estava localizado um grande prédio — um anfiteatro para conferências — dedicado ao “espírito da religião”. Essa estrutura era realmente um templo da filosofia das religiões.

134:3.2 (1485.4) Esse templo da religião havia sido construído por um rico mercador, cidadão da Úrmia, e pelos seus três filhos. Esse homem chamava-se Cimboitom e, entre os seus ancestrais, ele tinha muitos povos diferentes.

134:3.3 (1485.5) As conferências e os debates nessa escola de religião começavam às dez horas da manhã, nos dias de semana. As sessões da tarde começavam às três horas, e os debates da noite eram abertos às oito horas. Cimboitom, ou um dos seus três filhos, sempre presidia a essas sessões de ensinamentos, conferências e debates. O fundador dessa escola singular de religiões viveu e morreu sem ter jamais revelado as suas crenças religiosas pessoais.

134:3.4 (1485.6) Em várias ocasiões Jesus participou dessas discussões e, antes que tivesse deixado a Úrmia, Cimboitom fez um acordo com

Jesus, para que ele permanecesse com eles por duas semanas, depois da sua viagem de volta, para então dar vinte e quatro palestras sobre “A Irmandade dos Homens”, e para conduzir doze sessões noturnas de perguntas, de discussões e debates sobre as suas palestras em particular e sobre a irmandade dos homens em geral.

134:3.5 (1485.7) Em cumprimento a esse acordo, Jesus interrompeu a viagem na volta e fez as palestras. Esses foram os mais sistemáticos e formais de todos os ensinamentos do Mestre em Urântia. Nunca antes, nem depois, ele disse tanto sobre uma questão única como a que estava contida nessas palestras e discussões sobre a irmandade dos homens. Na realidade essas palestras foram sobre o “Reino de Deus” e os “reinos dos homens”.

134:3.6 (1486.1) Mais de trinta religiões e cultos religiosos estavam representados na faculdade desse templo de filosofia religiosa. Esses educadores eram escolhidos, sustentados e totalmente acreditados pelos seus respectivos grupos religiosos. Nessa época havia cerca de setenta e cinco instrutores na faculdade, e eles viviam em cabanas, cada uma acomodando cerca de doze pessoas. A cada lua nova esses grupos eram alterados, os membros sendo escolhidos pela sorte. A intolerância, o espírito de contenda, ou qualquer outra predisposição que interferisse na boa marcha da comunidade, provocaria a deposição pronta e sumária do instrutor causador da ofensa. Ele era dispensado, sem maiores cerimônias, e o que vinha logo atrás, imediatamente, era colocado em seu lugar.

134:3.7 (1486.2) Esses instrutores das várias religiões faziam um grande esforço para mostrar quão semelhantes eram as suas religiões com

respeito às coisas fundamentais dessa vida e da próxima. Para que se ganhasse um assento nessa faculdade, apenas uma coisa havia de ser adotada: uma doutrina — cada instrutor devia representar uma religião que reconhecia Deus — , alguma espécie de Deidade suprema. Havia cinco instrutores independentes, na faculdade, que não representavam nenhuma religião organizada, e foi como um instrutor independente que Jesus apareceu perante eles.

134:3.8 (1486.3) [Quando nós, seres intermediários, preparávamos inicialmente o sumário dos ensinamentos de Jesus na Úrmia, surgiu um desacordo entre os serafins das igrejas e os serafins do progresso, questionando quanto à sabedoria de incluir esses ensinamentos nas Revelações de Urântia. As condições do século vinte, que prevalecem no governo da religião quanto no dos assuntos humanos, são tão diferentes daquelas que prevaleciam na época de Jesus, que realmente foi difícil adaptar os ensinamentos do Mestre na Úrmia, aos problemas do Reino de Deus e dos reinos dos homens, tais como eles existem neste século. Nunca fomos capazes de formular um documento sobre os ensinamentos do Mestre, que fosse aceitável para ambos os grupos desses serafins do governo planetário. Finalmente, o Melquisedeque catedrático da comissão reveladora apontou uma comissão de três seres da nossa ordem, para preparar a nossa visão dos ensinamentos do Mestre na Úrmia, de um modo que se adaptasse às condições religiosas e políticas deste século, em Urântia. E desse modo nós, os três seres intermediários secundários apontados, completamos essa adaptação dos ensinamentos de Jesus,

restabelecendo os seus pronunciamentos do modo como nós os aplicaríamos à condição do mundo nos dias atuais e, agora, nós apresentamos estes documentos como eles ficaram depois de haverem sido editados pelo Melquisedeque catedrático da comissão reveladora.]

4. Soberania Divina e Soberania Humana

134:4.1 (1486.4) A irmandade dos homens é fundada na paternidade de Deus. A família de Deus deriva-se do amor de Deus — Deus é amor. Deus, o Pai, ama divinamente os Seus filhos, a todos eles.

134:4.2 (1486.5) O Reino do céu, o governo divino, é fundado no fato da soberania divina — Deus é espírito. E já que Deus é espírito, este Reino é espiritual. O Reino do céu não é nem material nem meramente intelectual; é uma relação espiritual entre Deus e o homem.

134:4.3 (1486.6) Se as religiões diferentes reconhecem a soberania espiritual de Deus, o Pai, então todas essas religiões permanecerão em paz. Apenas quando uma religião assume que de um certo modo é superior a todas as outras, e que possui autoridade exclusiva sobre outras religiões, é que essa religião ousará ser intolerante com as outras religiões ou atrever-se-á a perseguir outros crentes religiosos.

134:4.4 (1487.1) A paz religiosa — a irmandade — não pode nunca existir, a menos que todas as religiões estejam dispostas a despojar-se completamente de toda autoridade eclesiástica e a abandonar todo

conceito de soberania espiritual. Apenas Deus é soberano em espírito.

134:4.5 (1487.2) Vós não podeis ter igualdade entre as religiões (liberdade religiosa) sem ter guerras religiosas, a menos que todas as religiões consintam em transferir toda a soberania a algum nível supra-humano, ao próprio Deus.

134:4.6 (1487.3) O Reino do céu nos corações dos homens criará a unidade religiosa (não necessariamente a uniformidade), porque todo e qualquer grupo religioso composto de tais crentes religiosos será livre de todas as noções de autoridade eclesiástica — a soberania religiosa.

134:4.7 (1487.4) Deus é espírito e Deus dá um fragmento do seu eu espiritual para residir no coração do homem. Espiritualmente, todos os homens são iguais. O Reino do céu é livre de castas, de classes, de níveis sociais e de grupos econômicos. Vós sois todos irmãos.

134:4.8 (1487.5) Entretanto, no momento em que vós perdeis de vista a soberania do espírito de Deus, o Pai, alguma religião começará a afirmar a sua superioridade sobre outras religiões; e então, em vez de paz na Terra e boa vontade entre os homens, as desavenças e as recriminações começarão, e também as guerras religiosas ou, ao menos, a guerra entre os religiosos.

134:4.9 (1487.6) Os seres de livre-arbítrio que se consideram iguais, a menos que mutuamente se entendam como sujeitos a alguma supra-soberania, ou alguma autoridade sobre e acima deles próprios, mais cedo ou mais tarde serão tentados a experimentar a sua capacidade de ganhar poder e autoridade sobre as outras pessoas e grupos. O

conceito de igualdade nunca traz a paz, exceto no caso do reconhecimento mútuo de alguma influência supracontroladora da supra-soberania.

134:4.10 (1487.7) Os religiosos da Úrmia viveram juntos, em relativa paz e tranqüilidade, porque eles haviam abandonado completamente todas as suas noções de soberania religiosa. Espiritualmente, todos eles acreditavam em um Deus soberano; socialmente, a autoridade plena e incontestável recaía sobre o presidente deles — Cimboitom. E eles bem sabiam o que aconteceria a qualquer instrutor que ousasse impor-se aos seus companheiros instrutores. Não poderá haver nenhuma paz religiosa duradoura em Urântia, até que todos os grupos religiosos abandonem livremente todas as suas noções de favoritismo divino, de povo escolhido e de soberania religiosa. Apenas quando Deus, o Pai, tornar-Se supremo, os homens tornar-se-ão irmãos religiosos e viverão juntos em paz religiosa na Terra.

5. A Soberania Política

134:5.1 (1487.8) [Conquanto os ensinamentos do Mestre a respeito da soberania de Deus sejam uma verdade — complicada apenas depois do surgimento de uma religião, entre as religiões do mundo, sobre o Mestre — , as apresentações de Jesus a respeito da soberania política tornam-se amplamente complicadas pela evolução política da vida das nações durante os últimos dezenove séculos, e até mais. Nos tempos de Jesus havia apenas dois grandes poderes mundiais — o

império romano no Ocidente e o império Han no Oriente — e estes estavam bastante separados pelo reino Persa e por outras terras intermediárias, das regiões do mar Cáspio e do Turquestão. Nós partimos, portanto, na apresentação seguinte, mais da essência dos ensinamentos do Mestre na Úrmia, a respeito da soberania política; e ao mesmo tempo tentamos descrever a importância de tais ensinamentos, enquanto aplicáveis ao estágio peculiarmente crítico da evolução da soberania política no século vinte depois de Cristo.]

134:5.2 (1487.9) A guerra em Urântia nunca terminará enquanto as nações apegarem-se às noções ilusórias da soberania nacional ilimitada. Há apenas dois níveis de soberania relativa em um mundo habitado: o livre-arbítrio espiritual do indivíduo mortal e a soberania coletiva da humanidade, como um todo. Entre o nível do ser humano individual e o nível da humanidade total, todos os agrupamentos e associações são relativos, transitórios e têm valor apenas pelo que podem melhorar no bem-estar, na felicidade e no progresso do indivíduo e do planeta, como um grande todo — o homem e a humanidade.

134:5.3 (1488.1) Os educadores religiosos devem lembrar-se sempre de que a soberania espiritual de Deus está acima de qualquer lealdade espiritual que possa ser interposta como intermediária. Algum dia os governantes civis aprenderão que os Altíssimos dirigem os reinos dos homens.

134:5.4 (1488.2) Essa direção dos Altíssimos nos reinos dos homens não é para beneficiar qualquer grupo especialmente favorecido de mortais. Não existe uma coisa tal como um “povo escolhido”. O governo dos

Altíssimos, os supracontroladores da evolução política, é um governo destinado a fomentar o maior bem ao maior número possível entre *todos* os homens e durante o maior espaço de tempo.

134:5.5 (1488.3) A soberania é poder, e cresce com a organização. Esse crescimento da organização do poder político é bom e próprio, pois tende a abranger segmentos sempre mais amplos do total da humanidade. Contudo, esse mesmo crescimento das organizações políticas cria um problema, em cada estágio intermediário, entre a organização inicial e natural do poder político — a família — e a consumação final do crescimento político — o governo de toda a humanidade, por toda a humanidade e para toda a humanidade.

134:5.6 (1488.4) Começando com o poder parental, no grupo familiar, a soberania política evolui, com a sua organização, à medida que as famílias se superpõem na forma de clãs consangüíneos e se unem, por várias razões, em unidades tribais — agrupamentos políticos supraconsangüíneos. E então, por intermédio dos negócios, do comércio e das conquistas, as tribos tornam-se unificadas como uma nação, enquanto as próprias nações algumas vezes tornam-se unificadas como um império.

134:5.7 (1488.5) À medida que a soberania passa dos grupos menores para os maiores, as guerras diminuem. Isto é, as guerras menores, entre as nações menores, ficam mais raras; mas o potencial para as guerras maiores cresce à medida que as nações que exercem a soberania tornam-se cada vez maiores. Em breve, quando todo o mundo tiver sido explorado e ocupado, enquanto poucas forem as nações fortes e poderosas, quando essas nações grandes e

supostamente soberanas tocarem as fronteiras, quando apenas os oceanos as separarem, então o quadro estará pronto para as guerras maiores, para os conflitos mundiais. As nações chamadas soberanas não podem acotovelar-se sem gerar conflitos e guerras.

134:5.8 (1488.6) A dificuldade na evolução da soberania política, desde a família até toda a humanidade, repousa na resistência inercial demonstrada em todos os níveis intermediários. As famílias, nessa ocasião, desafiaram o seu clã, enquanto os clãs e as tribos têm, freqüentemente, subvertido a soberania do estado territorial. Cada novo progresso, na evolução da soberania política, é (e tem sempre sido) embaraçado e impedido pelos “estágios andaimes-temporários” dos desenvolvimentos anteriores na organização política. E isso é verdade porque as lealdades humanas, uma vez mobilizadas, são difíceis de mudar. A mesma lealdade que torna possível a evolução da tribo, torna difícil a evolução da supertribo — o estado territorial. E a mesma lealdade (o patriotismo) que torna possível a evolução do estado territorial complica bastante o desenvolvimento evolucionário do governo de toda a humanidade.

134:5.9 (1488.7) A soberania política é criada graças ao abandono ao autodeterminismo, primeiro da parte do indivíduo dentro da família e, então, pelas famílias e clãs em relação à tribo e aos agrupamentos maiores. Essa transferência progressiva da autodeterminação de organizações pequenas para organizações políticas cada vez maiores, geralmente, tem tido seqüência, sem desaceleração, no Oriente, desde o estabelecimento das dinastias Ming e Mogul. No Ocidente, por mais de mil anos, ela prevaleceu até o fim da guerra mundial,

quando um desafortunado movimento retrógrado reverteu, temporariamente, essa tendência normal, restabelecendo a soberania política então em submersão de numerosos grupos pequenos na Europa.

134:5.10 (1489.1) Urântia não desfrutará de uma paz duradoura antes que as nações chamadas soberanas coloquem, inteligente e plenamente, os seus poderes soberanos nas mãos da irmandade dos homens — o governo da humanidade. O internacionalismo — a liga entre as nações — nunca pode trazer a paz permanente à humanidade. As confederações das nações, de amplitude mundial, efetivamente impedirão guerras menores e controlarão aceitavelmente as nações menores; elas não impedirão, no entanto, as guerras mundiais, nem controlarão três, quatro ou cinco dos governos mais poderosos. Em face de conflitos reais, um desses poderes mundiais retirar-se-ia da liga e iria declarar guerra. Vós não podereis impedir as nações de entrar na guerra, enquanto elas permanecerem infectadas com o vírus enganoso da soberania nacional. O internacionalismo é um passo na direção certa. Uma força policial internacional impedirá muitas guerras menores. mas não será eficaz a ponto de impedir as guerras maiores, os conflitos entre os grandes governos militares da Terra.

134:5.11 (1489.2) À medida que decrescer o número das nações verdadeiramente soberanas (os grandes poderes), crescerão tanto a oportunidade quanto a necessidade de um governo para toda a humanidade. Quando há apenas uns poucos poderes (grandes), realmente soberanos, ou eles devem lançar-se na luta de vida ou

morte pela supremacia nacional (imperial), ou então, pelo abandono voluntário de algumas prerrogativas da soberania; o certo é que devem criar o núcleo essencial do poder supranacional que servirá de começo à soberania real de toda a humanidade.

134:5.12 (1489.3) A paz não virá a Urântia até que todas as chamadas nações soberanas coloquem os seus poderes de fazer guerra nas mãos de um governo representante de toda a humanidade. A soberania política é inata aos povos do mundo. Quando todos os povos de Urântia criarem um governo mundial, eles terão o direito e o poder de fazer dele um governo SOBERANO; e quando esse representante, ou poder democrático mundial, controlar as terras, o ar e as forças navais do mundo, a paz na Terra e a boa vontade entre os homens poderá prevalecer — mas não antes disso.

134:5.13 (1489.4) Para usar uma importante ilustração dos séculos dezenove e vinte: os quarenta e oito estados da União Federal Americana vêm, há muito, desfrutando da paz. Eles não mais tiveram guerras entre si próprios. Eles entregaram a sua soberania ao governo federal e, por meio de um arbitramento, em caso de guerra, abandonaram todas as reivindicações ilusórias de autodeterminação. Enquanto cada estado regular os seus assuntos internos, ele não se preocupará com relações exteriores, tarifas, imigração, assuntos militares ou com o comércio interestadual. Nem os estados individualmente preocupar-se-ão com as questões da cidadania. Os quarenta e oito estados sofrem a devastação da guerra

apenas quando a soberania do governo federal, de algum modo, é ameaçada.

134:5.14 (1489.5) Esses quarenta e oito estados, tendo abandonado o duplo sofisma da soberania e da autodeterminação, desfrutam da paz e da tranqüilidade interestadual. Assim, as nações de Urântia começam a gozar da paz, quando elas abandonam livremente as suas respectivas soberanias, colocando-as nas mãos de um governo global — a soberania da irmandade dos homens. Nesse estado mundial, as pequenas nações serão tão poderosas quanto as grandes; assim, do mesmo modo que o pequeno estado de Rode Island tem os seus dois senadores no Congresso americano, os populosos estados de Nova Iorque ou o estado imenso do Texas também têm.

134:5.15 (1490.1) A soberania limitada (do Estado) desses quarenta e oito estados foi criada pelos homens e para os homens. A soberania do supra-Estado (o nacional) da União Federal Americana foi criada pelos treze estados originais, dentre esses, para o seu próprio benefício e para o benefício dos homens. Em alguma época, a soberania supranacional dos governos planetários da humanidade será similarmente criada pelas nações, para o seu próprio benefício e para benefício de todos os homens.

134:5.16 (1490.2) Os cidadãos não nascem para o benefício dos governos; os governos são organizações criadas, e legadas, para o benefício dos homens. Não pode haver um fim para a evolução da soberania política sem o surgimento do governo em soberania de todos os

homens. Todas as outras soberanias são relativas em valor; de significado apenas intermediário e status subordinado.

134:5.17 (1490.3) Com o progresso científico, as guerras tornar-se-ão mais e mais devastadoras, até que se tornem quase racialmente suicidas. Quantas guerras mundiais devem ser travadas e quantas ligas das nações devem fracassar, antes que os homens estejam dispostos a estabelecer o governo da humanidade e comecem a gozar das bênçãos de uma paz permanente e prosperem na tranquilidade da boa vontade — da boa vontade de âmbito mundial — entre os homens?

6. Lei, Liberdade e Soberania

134:6.1 (1490.4) Se um homem almeja a independência — a liberdade — , ele deve lembrar-se de que todos os outros homens anseiam pela mesma autonomia. Os grupos desses mortais amantes da liberdade não podem viver juntos, em paz, sem tornarem-se obedientes a leis, regras e regulamentos tais que concedam a cada uma das suas pessoas o mesmo grau de liberdade, salvaguardando, ao mesmo tempo, um grau igual de liberdade a todos os outros companheiros mortais. Se um homem deve ser absolutamente livre, então um outro deve tornar-se um escravo absoluto. E a natureza relativa da liberdade é, econômica e politicamente, uma verdade social. A liberdade é a dádiva da civilização, tornada possível por força da LEI.

134:6.2 (1490.5) A religião torna espiritualmente possível realizar a irmandade dos homens, mas isso exigirá um governo, de toda a humanidade, para regulamentar a questão social, econômica e política, ligada a essa meta de felicidade e eficiência humanas.

134:6.3 (1490.6) Enquanto a soberania política do mundo estiver dividida e nas mãos de um grupo de estados-nações, haverá guerras e rumores de guerras — e nação levantar-se-á contra nação. A Inglaterra, a Escócia e o País de Gales mantiveram-se sempre em luta, uns contra os outros, até que abdicaram das respectivas soberanias, confiando-as ao Reino Unido.

134:6.4 (1490.7) Uma outra guerra mundial ensinará às nações ditas soberanas a formar alguma espécie de federação, criando assim o instrumento para impedir as pequenas guerras, guerras entre as nações menores. Mas as guerras globais continuarão enquanto não for criado o governo da humanidade. A soberania global impedirá as guerras globais — nenhuma outra coisa poderá fazê-lo.

134:6.5 (1490.8) Os quarenta e oito estados livres da América vivem juntos em paz. Há entre os cidadãos, desses quarenta e oito estados, todas as raças e as diversas nacionalidades, provenientes da Europa, que estão sempre em guerra. Esses americanos representam quase todas as religiões, seitas religiosas e cultos de todo o amplo mundo, mas ali na América do Norte eles vivem juntos em paz. E tudo isso se faz possível porque os quarenta e oito estados entregaram a sua soberania e abandonaram todas as noções de supostos direitos de autodeterminação.

134:6.6 (1490.9) Não é uma questão de armamento ou de desarmamento. Nem a questão de o recrutamento militar ser voluntário ou obrigatório, também, não pesa nessa questão de manter a paz mundial. Se vós tirardes, das mãos das nações fortes, todas as formas de armamentos mecânicos modernos e todos os tipos de explosivos, elas irão lutar com os punhos, com pedras e cassetetes, enquanto estiverem aferradas às suas ilusões de direito divino à soberania nacional.

134:6.7 (1491.1) A guerra não é a grande e terrível doença do homem; a guerra é um sintoma, um resultado. A doença, de fato, é o vírus da soberania nacional.

134:6.8 (1491.2) As nações de Urântia não têm desfrutado da verdadeira soberania; elas nunca tiveram uma soberania que pudesse protegê-las das pilhagens e devastações das guerras mundiais. Na criação do governo global da humanidade, as nações não estariam abdicando da sua soberania tanto quanto estariam de fato criando uma soberania mundial real, autêntica e duradoura que, daí por diante, seria plenamente capaz de protegê-las de qualquer guerra. Os assuntos locais seriam controlados pelos governos locais; os assuntos nacionais, pelos governos nacionais; os assuntos internacionais seriam administrados pelo governo planetário.

134:6.9 (1491.3) A paz mundial não pode ser mantida por tratados, pela diplomacia, pelas políticas exteriores, ou alianças, ou pelo equilíbrio dos poderes, nem por qualquer outro tipo de substituto para negociar com as soberanias dos nacionalismos. A lei mundial deve

vir a existir e deve ser imposta pelo governo do planeta — a soberania de toda a humanidade.

134:6.10 (1491.4) O indivíduo gozará de muito mais liberdade sob o governo mundial. Os cidadãos das grandes potências, hoje, são taxados, regulados e controlados quase que opressivamente, e uma boa parte dessa interferência atual nas liberdades individuais desaparecerá quando os governos nacionais estiverem dispostos a confiar a sua soberania, no que diz respeito aos assuntos internacionais, nas mãos do governo geral do planeta.

134:6.11 (1491.5) Sob um governo de todo o globo, os grupos nacionais terão uma oportunidade real de realizar e de desfrutar das liberdades pessoais genuínas da democracia. E isso porá fim à falácia da autodeterminação. Com a regulamentação para todo o planeta, do dinheiro e do comércio, virá uma nova era de paz mundial. Logo, uma linguagem global poderá vir a evoluir, e haverá pelo menos alguma esperança de que algum dia surja uma religião única global — ou religiões com um ponto de vista planetário global único.

134:6.12 (1491.6) A segurança coletiva nunca proporcionará a paz, enquanto a coletividade não incluir toda a humanidade.

134:6.13 (1491.7) A soberania política do governo representativo da humanidade trará uma paz perene à Terra; e a fraternidade espiritual abrangendo toda a humanidade assegurará para sempre a boa vontade entre todos os homens. E não há outro modo pelo qual a paz na Terra e a boa vontade entre os homens possam realizar-se.

* * *

134:6.15 (1491.8) Após a morte de Cimboitom, os seus filhos tiveram muitas dificuldades em manter a faculdade em paz. As repercussões dos ensinamentos de Jesus teriam sido ainda maiores se os educadores cristãos posteriores que se juntaram à faculdade da Úrmia tivessem demonstrado mais sabedoria e praticado mais a tolerância.

134:6.16 (1491.9) O filho mais velho de Cimboitom pediu ajuda a Abner, na Filadélfia, mas a escolha que Abner fez dos professores foi infeliz, pois eles mostraram-se inflexíveis e intransigentes. Esses professores buscaram fazer com que a sua religião predominasse sobre as outras crenças. Eles jamais suspeitaram de que as conferências do condutor de caravanas, às quais sempre eles se referiam, haviam sido feitas pessoalmente pelo próprio Jesus.

134:6.17 (1491.10) Como a confusão cresceu na faculdade, os três irmãos retiraram seu apoio financeiro e, em cinco anos, a escola fechou. Mais tarde foi reaberta para ser um templo mitraico e, finalmente, foi incendiada em consequência de uma das suas celebrações orgíacas.

7. O Trigésimo Primeiro Ano (25 d.C.)

134:7.1 (1492.1) Quando Jesus voltou da viagem ao mar Cáspio, ele sabia que as suas viagens pelo mundo haviam como que acabado. Apenas uma viagem mais para fora da Palestina ele fez, e foi para a Síria. Depois de uma breve visita a Cafarnaum, ele foi a Nazaré, parando lá uns poucos dias, com o intuito de fazer visitas. No meio do mês de abril ele saiu de Nazaré, indo para Tiro. De lá Jesus viajou para o norte, ficando alguns dias em Sidom, mas o seu destino era a Antioquia.

134:7.2 (1492.2) Esse é o ano das peregrinações solitárias de Jesus pela Palestina e pela Síria. Durante esse ano de viagens, ele ficou conhecido por vários nomes em diferentes partes do país: Carpinteiro de Nazaré, Construtor de Barcos de Cafarnaum, Escriba de Damasco e Mestre de Alexandria.

134:7.3 (1492.3) Em Antioquia o Filho do Homem viveu por mais de dois meses, trabalhando, observando, estudando, conversando, ministrando e, durante todo o tempo, assimilando o modo como o homem vive, pensa, sente e reage ao ambiente da existência humana. Por três semanas, durante esse período, Jesus trabalhou como fabricante de tendas. E permaneceu por mais tempo na Antioquia do que em qualquer outro lugar que visitou nessa viagem. Dez anos mais tarde, quando o apóstolo Paulo estava pregando na Antioquia e ouviu os seus seguidores falando das doutrinas do *Escriba de Damasco*, ele mal sabia que os seus alunos tinham ouvido a voz, e escutado os ensinamentos diretamente do próprio Mestre.

134:7.4 (1492.4) Da Antioquia Jesus viajou para o sul, pela costa, até Cesaréia, onde permaneceu por umas poucas semanas, continuando

pela costa até Jopa. De Jopa rumou em direção ao interior para Jamnia, Ashdod e Gaza. De Gaza ele tomou a estrada que vai para o interior até Beersheba, onde ele permaneceu por uma semana.

134:7.5 (1492.5) Jesus então começou a sua viagem final, como indivíduo, e, particularmente, pelo centro da Palestina, indo de Beersheba, no sul, para Dan, ao norte. Nessa viagem para o norte ele parou em Hebrom, em Belém (onde viu o local do seu nascimento), Jerusalém (ele não visitou Betânia), Beirute, Líbano, Sicar, Sechem, Samaria, Geba, Enganim, En-dor, Madon; passando por Magdala e Cafarnaum, ele viajou para o norte; e, seguindo a leste das Águas de Merom, passou também por Carata, indo até Dan, ou a Cesaréia-Filipe.

134:7.6 (1492.6) O Ajustador do Pensamento residente, a partir de agora, conduzia Jesus a deixar de lado os locais onde moram os homens e a dirigir-se até o monte Hermom, para que ele pudesse completar o trabalho de ter a sua mente humana sob a própria mestria e terminar a tarefa de realizar a consagração plena de si ao remanescente do trabalho da sua vida na Terra.

134:7.7 (1492.7) Essa foi uma dessas épocas inusitadas e extraordinárias na vida terrena do Mestre em Urântia. Uma época de importância similar foi a da experiência pela qual ele passou quando estava só, nos montes perto de Pela, pouco depois do seu batismo. Esse período de isolamento no monte Hermom marcou o término da sua carreira puramente humana, isto é, o término técnico da auto-outorga mortal; ao passo que o isolamento posterior demarcou o começo da

fase mais divina da auto-outorga. E Jesus viveu a sós com Deus durante seis semanas nas escarpas do monte Hermom.

8. A Permanência no Monte Hermom

134:8.1 (1492.8) Depois de passar algum tempo na vizinhança de Cesaréia-Filipe, Jesus aprontou os seus suprimentos e conseguiu uma besta de carga e um garoto de nome Tiglá; e então seguiu pela estrada de Damasco até uma aldeia conhecida como Be-Jenn, ao pé do monte Hermom. Ali, por volta de meados de agosto, do ano 25 d.C., ele estabeleceu o seu acampamento e, deixando o seu suprimento sob a custódia de Tiglá, subiu as escarpas desoladas da montanha. Tiglá acompanhou Jesus, nesse primeiro dia montanha acima, até um determinado ponto a uns 2 000 metros de altitude acima do nível do mar, onde eles construíram um nicho de pedra no qual Tiglá devia colocar comida duas vezes por semana.

134:8.2 (1493.1) No primeiro dia, depois de deixar Tiglá, Jesus havia subido a montanha apenas um pouco mais quando parou para orar. Entre outras coisas ele pediu ao seu Pai para enviar o serafim guardião que devia “ficar com Tiglá”. Ele pediu que lhe fosse permitido subir, e ter a sua última luta a sós com as realidades da existência mortal. E o seu pedido foi-lhe concedido. E foi para a grande prova apenas com o seu Ajustador residente a guiá-lo e dar-lhe apoio.

134:8.3 (1493.2) Jesus comeu frugalmente, enquanto estava na montanha; ele absteve-se inteiramente de comida apenas um dia ou dois por vez. Os seres supra-humanos que se confrontaram com ele, nessa montanha, e com quem ele combateu em espírito, e a quem ele derrotou em poder, eram *reais*; eram os seus arquiinimigos do sistema de Satânia; não eram fantasmas da imaginação que surgiram das fantasias intelectuais de um mortal enfraquecido e faminto, que não conseguia distinguir a realidade das visões causadas por uma mente perturbada.

134:8.4 (1493.3) Jesus passou as três últimas semanas de agosto e as primeiras três semanas de setembro no monte Hermom. Durante essas semanas, ele terminou a tarefa mortal de entrar e passar pelos círculos da compreensão mental e do controle da personalidade. Durante todo esse período de comunhão com o seu Pai celeste, o Ajustador residente também completou os serviços a ele atribuídos. A meta mortal dessa criatura terrena, ali então, foi alcançada. Apenas a fase final de afinação entre a mente e o Ajustador ficou ainda para ser consumada.

134:8.5 (1493.4) Depois de mais de seis meses de comunhão ininterrupta com o seu Pai do Paraíso, Jesus tornara-se absolutamente seguro sobre a sua natureza e certo do seu triunfo sobre os níveis materiais da manifestação tempo-espacial da personalidade. Ele acreditou integralmente na ascendência da sua natureza divina sobre a sua natureza humana e não hesitou em afirmá-la.

134:8.6 (1493.5) Perto do final da permanência nas montanhas, Jesus perguntou ao seu Pai se lhe poderia ser permitido manter uma conversa com os seus inimigos de Satânia, enquanto Filho do Homem, como Joshua ben José. Esse pedido lhe foi concedido. Durante a última semana no monte Hermom, a grande tentação, a provação universal, aconteceu. Satã (representando Lúcifer) e Caligástia, o Príncipe Planetário rebelde, estiveram presentes junto a Jesus e foram tornados plenamente visíveis para ele. E, assim, pois, tal “tentação”, essa provação final de lealdade humana em face das exposições falaciosas das personalidades rebeldes, nada tivera a ver com alimentos, nem com pináculos de templos, nem com atos presunçosos. Nada teve a ver com os reinos deste mundo, teve, sim, a ver com a soberania de um universo poderoso e glorioso. O simbolismo, nas vossas escrituras, foi elaborado para ser dirigido a épocas anteriores, nas quais o pensamento do mundo ainda era infantil. E as gerações posteriores deveriam compreender quão grande foi a luta pela qual o Filho do Homem passou durante aquele dia memorável no monte Hermom.

134:8.7 (1493.6) Às muitas propostas e contrapropostas dos emissários de Lúcifer, Jesus apenas respondeu: “Que prevaleça a vontade do meu Pai no Paraíso, e que a vós, meus filhos rebeldes, possam os Anciões dos Dias julgar-vos divinamente. Eu sou o vosso Criador-pai; não posso julgar-vos com justiça; a minha misericórdia vós já a desprezastes. Eu vos entrego ao julgamento dos Juízes de um universo maior”.

134:8.8 (1494.1) Quanto a todos os expedientes e acordos sugeridos por Lúcifer, às propostas ilusórias sobre a auto-outorga de encarnação, Jesus apenas fez o comentário: “A vontade do meu Pai no Paraíso seja feita”. E, quando a severa provação chegou ao fim, o serafim destacado para ser o guardião voltou-se na direção de Jesus e levou até ele a sua ministração.

134:8.9 (1494.2) Nessa tarde, no final do verão, entre as árvores e no silêncio da natureza, Michael de Nébadon conquistou a soberania inquestionável do seu universo. Nesse dia, ele completou a tarefa preestabelecida, para os Filhos Criadores, de viver completamente a vida encarnada à semelhança da carne mortal nos mundos evolucionários do tempo e do espaço. O anúncio, para o universo, dessa memorável realização, não foi feito até o dia do seu batismo, meses depois, mas tudo aconteceu realmente naquele dia na montanha. E, quando Jesus desceu da sua estada no monte Hermom, a rebelião de Lúcifer em Satânia e a secessão de Caligástia em Urântia estavam virtualmente acalmadas. Jesus havia pagado o último preço exigido dele para alcançar a soberania do seu universo, que por si mesma regulamenta sobre o status de todos os rebeldes e determina que todos os futuros levantes (se um dia ocorrerem) possam ser tratados sumária e efetivamente. E, desse modo, pode-se ver que a chamada “grande tentação” de Jesus aconteceu algum tempo antes do seu batismo e não pouco depois daquele evento.

134:8.10 (1494.3) Ao final dessa permanência na montanha, quando Jesus estava descendo, encontrou Tiglá subindo para o compromisso de

levar a comida. Chamando-o a voltar, Jesus apenas disse: “O período de descanso chegou ao fim; devo agora voltar a cuidar dos assuntos do meu Pai”. Tornara-se um homem silencioso e estava muito mudado, quando voltaram para Dan, onde ele deixou o garoto e deu a ele o burro. E Jesus prosseguiu para o sul, pelo mesmo caminho que tinha percorrido para chegar em Cafarnaum.

9. O Tempo de Espera

134:9.1 (1494.4) Estava agora próximo o fim do verão; era a época do dia da reconciliação e da Festa de Tabernáculos. Jesus tinha um encontro de família em Cafarnaum durante o sábado e, no dia seguinte, partiu para Jerusalém com João, o filho de Zebedeu, indo para o leste do lago, por Gerasa e descendo pelo vale do rio Jordão. Enquanto visitavam alguns dos seus companheiros, no caminho, João percebeu uma grande mudança em Jesus.

134:9.2 (1494.5) Jesus e João pararam para passar a noite em Betânia com Lázaro e as suas irmãs, indo bem cedo na manhã seguinte para Jerusalém. Eles passaram quase três semanas na cidade e nas cercanias, ou pelo menos João passou. Muitas vezes João ia só até Jerusalém, enquanto Jesus caminhava pelas montanhas vizinhas, para ter muitos períodos de comunhão espiritual com o seu Pai no céu.

134:9.3 (1494.6) Ambos estiveram presentes aos serviços solenes do dia da reconciliação. João ficou muito impressionado com as cerimônias

desses dias de ritual religioso judeu, mas Jesus permaneceu como um espectador pensativo e silencioso. Para o Filho do Homem esse espetáculo foi patético e deplorável. Ele viu tudo como uma falsa representação do caráter e dos atributos do seu Pai no céu. E considerou os acontecimentos daquele dia como uma caricatura dos fatos da justiça divina e das verdades da misericórdia infinita. Ele fervia de desejo de dar expansão à declaração da verdade real sobre o caráter amoroso do seu Pai e sobre a conduta misericordiosa no universo, mas o seu fiel Monitor admoestou-o de que a sua hora não tinha ainda chegado. Contudo, naquela noite em Betânia, Jesus fez inúmeros comentários que deixaram João bastante perturbado; e João nunca compreendeu totalmente o significado real do que Jesus dissera na conversa daquela noite.

134:9.4 (1495.1) Jesus planejava ficar durante a semana da Festa de Tabernáculos com João. Essa festa era o feriado anual de toda a Palestina; era a época das férias judaicas. Embora Jesus não tenha participado da folia da ocasião, era evidente que lhe causava prazer e proporcionava satisfação ver como jovens e velhos, descontraídos, se entregavam à alegria.

134:9.5 (1495.2) No meio da semana de celebrações e antes de terminarem as festividades, Jesus despediu-se de João, dizendo que desejava retirar-se para as montanhas, onde melhor poderia comungar com o seu Pai do Paraíso. João teria ido com ele, mas Jesus insistiu para que ele ficasse para as festividades, dizendo: “Não é necessário que tu carregues o fardo do Filho do Homem; apenas o guardião deve manter-se de vigília enquanto a cidade dorme em

paz”. Jesus não voltou para Jerusalém. Depois de quase uma semana a sós nas colinas perto de Betânia, ele partiu para Cafarnaum. A caminho de casa, passou um dia e uma noite a sós nas escarpas de Gilboa, perto do local onde o rei Saul havia se matado; e, quando chegou a Cafarnaum, ele parecia mais alegre do que quando se despedira de João em Jerusalém.

134:9.6 (1495.3) Na manhã seguinte Jesus foi à arca que continha os seus objetos pessoais, que havia deixado no escritório de Zebedeu, colocou o seu avental e apresentou-se para o trabalho, dizendo: “A mim me convém manter-me ocupado enquanto espero que chegue a minha hora”. E trabalhou por vários meses, até janeiro do ano seguinte, na oficina de barcos, ao lado do seu irmão Tiago. Depois desse período de trabalho com Jesus, não importando quais dúvidas viessem ainda a encobrir o entendimento que Tiago tivesse sobre o trabalho da vida do Filho do Homem, ele nunca mais perderia real e totalmente a sua fé na missão de Jesus.

134:9.7 (1495.4) Durante esse período final do seu trabalho na oficina de barcos, Jesus passou a maior parte do seu tempo no interior dela, fazendo o acabamento de alguma embarcação grande. Ele punha um grande cuidado em todo o seu trabalho manual e parecia ter uma grande satisfação de realização humana quando terminava uma peça digna de elogios. Embora gastasse pouco tempo com detalhes pequenos, ele era um artesão paciente quando se tratava da parte essencial de qualquer empreendimento.

134:9.8 (1495.5) Com o passar do tempo, chegaram rumores, em Cafarnaum, sobre um tal de João que pregava enquanto batizava os

penitentes no rio Jordão, e João pregava: “O Reino do céu está ao alcance da mão; arrependei-vos e sejais batizados”. Jesus soube dessas informações enquanto João lentamente subia o vale do Jordão, partindo do vau do rio, no ponto mais próximo de Jerusalém. Jesus, no entanto, continuou trabalhando, fazendo barcos, até que João tivesse subido o rio até um ponto perto de Pela, no mês de janeiro do ano seguinte, de 26 d.C., e, então Jesus depôs as suas ferramentas, e declarou: “É chegada a minha hora”; e, em breve, ele apresentou-se a João para o batismo.

134:9.9 (1495.6) Todavia, uma grande mudança havia acontecido em Jesus. Poucas daquelas pessoas que tinham desfrutado das suas visitas e das suas ministrações, nas suas idas e vindas naquela terra, jamais reconheceriam, posteriormente, no educador público, a mesma pessoa que haviam conhecido e amado anteriormente como um indivíduo particular. E existia uma razão para que aqueles que se haviam beneficiado anteriormente dos seus serviços não o reconhecessem, posteriormente, no seu papel de um educador público cheio de autoridade. Durante longos anos essa transformação de mente e de espírito tinha estado em progresso, completando-se durante aquela temporada memorável no monte Hermom.